

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



CORDEIRO (de Sousa), Luciano Baptista (Mirandela, 1844 – Lisboa, 1900)

Luciano Baptista Cordeiro de Sousa, filho de Luciano José Cordeiro de Sousa e de D. Leopoldina Cândido Álvares Ferreira, nasceu em Mirandela, no dia 21 de julho de 1844. Sua mãe nasceu em Montevideu, sendo filha do cirurgião-mor Francisco Bernardo de Santa Ana Álvares Ferreira. Quanto ao pai de Luciano, não foi possível apurar qual a sua ocupação, mas alguma bibliografia considera a possibilidade de ser funcionário público, facto que poderia explicar a sua deslocação de Mirandela para Lisboa, daqui para o Funchal e o regresso a Lisboa. Por outro lado, o filho de Luciano Cordeiro afirma que o seu avô teria sido obrigado a ir para a Madeira por razões políticas, num período conturbado da vida nacional, no final da primeira metade de Oitocentos. Entre 1838 e 1841, seu pai (ou algum homónimo) aparece como correspondente, em Chaves, do jornal *O Panorama*, publicado por iniciativa da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. Sabe-se ainda que em 1820 foi concedida «habilitação de genere» a João Batista, tio de Luciano Cordeiro e eventualmente foi concedida a mesma habilitação a seu pai. Este procedimento era necessário para aceder a cargos eclesiásticos ou ainda para exercer funções públicas num «lugar de letras».

A sua família mudou-se para Lisboa, poucos meses depois do seu nascimento e alguns anos mais tarde passou para a Madeira. Luciano iniciou os estudos liceais no Funchal, concluindo os mesmos em Lisboa. O seu sonho era ser oficial de Marinha, tendo assentado praça em 1862, como Aspirante de Marinha, fazendo posteriormente exame para acesso à Escola Politécnica, na qual se ministravam os Preparatórios, necessários para o curso da Escola Naval. O seu ingresso na Marinha acabou comprometido devido a um problema grave de saúde, abandonando esta carreira em 1868. Não tendo conseguido seguir a carreira naval, frequentou o Curso Superior de Letras. Simultaneamente, estudou alemão, na Torre do Tombo, e adquiriu conhecimentos sobre matérias económicas e políticas, como autodidata. Uma das suas primeiras atividades profissionais foi o jornalismo. Sendo pessoa de fortes convicções liberais, foi convidado para dirigir o jornal *A Revolução de Setembro*, quando o seu diretor, António Rodrigues Sampaio, assumiu funções governativas, em 1869, mas Luciano permaneceu pouco tempo neste cargo.

Em 1871, começou a lecionar Literatura e Filosofia no Colégio Militar, mas em 1874 terminou esta função, por sua iniciativa. Concorreu, em 1872, a um lugar de professor da cadeira de Literatura Moderna, no Curso Superior de Letras, sendo Pinheiro Chagas e Teófilo Braga os outros dois concorrentes. O lugar foi ocupado por este último.

Luciano Cordeiro manteve sempre uma atividade jornalística intensa. Embora tenha deixado o cargo de diretor do jornal *A Revolução de Setembro*, continuou como redator nesse jornal. Colaborou ainda com *A Voz Académica*, *O País*, *A Atualidade*, *O Jornal de Comércio*, *O Comércio do Porto*, o *Diário de Notícias*, entre outros. Foi diretor e proprietário do *Comércio de Lisboa* e um dos fundadores da *Revista de Portugal e Brasil*. Além da redação de artigos em periódicos, também se destacou pela publicação de livros, abrangendo diversos assuntos. Foi professor e redigiu textos sobre as matérias que ensinou, nomeadamente a literatura, assim como as questões pedagógicas, a nível de instrução e educação. Tendo estudado economia e finanças, por iniciativa própria, também abordou estes assuntos nos seus escritos. O seu particular interesse pelo passado levou-o a dedicar textos à história, mas também à arqueologia e à epigrafia, assim como à geografia.

No que respeita a obras de cariz historiográfico deu especial relevo ao estudo de várias personagens, e aos relacionamentos que as mesmas estabeleceram, tanto a nível nacional como internacional. O livro *A Segunda Duquesa* centra-se na biografia de D. Joana de Mendonça, segunda mulher de D. Jaime, quarto Duque de Bragança. A personagem central de *Uma sobrinha do Infante* é D. Leonor, filha do rei D. Duarte, logo sobrinha do Infante D. Henrique. Esta infanta casou com o Imperador Germânico Frederico III. Também no livro *Berenguela e Leonor, rainhas da Dinamarca* se debruça sobre o casamento da infanta Berenguela, filha de D. Sancho I, com Valdemar II, da Dinamarca, e o casamento do filho deste, Valdemar III, com outra infanta, D. Leonor, sobrinha de Berenguela. *O tesouro do rei D. Fernando* debruça-se sobre um tratado, pouco conhecido da historiografia nacional, celebrado, em 1377, entre D. Fernando I de Portugal e o Duque de Anjou, filho de Carlos V de França, para juntos combaterem contra Aragão. Na obra *A urna funerária de Afonso de Albuquerque* descreve o processo que conduziu à descoberta daquela urna, em Goa, e à sua vinda para Lisboa, sendo depositada na Sociedade de Geografia. Dedicou ainda alguns textos à vida de navegadores famosos, como Diogo Cão ou Diogo de Azambuja. Note-se ainda que o autor colaborou numa *História de Portugal* (1876- [1883]) com António Enes e outros autores (vol.II), tendo-lhe cabido os reinados que vão de D. Dinis a D. João I. Isto talvez explique o seu interesse por outros seus trabalhos.

Luciano Cordeiro foi um dos principais dinamizadores da evocação do centenário da morte de Camões, em 1880; do Marquês de Pombal, em 1882; do nascimento do Infante D. Henrique, em 1894; e da comemoração do centenário da viagem de Vasco da Gama à Índia, em 1898. Mas Luciano Cordeiro não se empenhou apenas na atividade jornalística e literária. Após a breve incursão pelo ensino no Colégio Militar,

terminada em 1874, passou a dedicar-se à política, ocupando cargos elevados no funcionalismo público. Filiado no Partido Regenerador foi deputado pelo círculo de Mogadouro, de 1882 a 1884; e pelo círculo de Leiria em 1884. Aproveitou estes momentos para discutir muitos dos assuntos com os quais lidava enquanto funcionário do Ministério do Reino, onde ocupou variados cargos, incluindo chefia de secções e repartições e foi Director-Geral da Instrução Pública. Em 1872, fundou a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, juntamente com seu irmão Francisco. O seu objetivo era dotar a capital de um sistema moderno de transportes públicos, adotando os veículos usados na época em diversas cidades estrangeiras e conhecidos como *americanos*, de tração animal mas deslocando-se sobre carris.

No entanto, aquele que foi, provavelmente, o assunto mais importante para Luciano Cordeiro foi a política colonial e o conhecimento da geografia dos territórios ultramarinos. No final do século XIX, cresceu o interesse das potências europeias pela ocupação dos territórios africanos. Era a época das expedições de exploração terrestre, em África. Em Portugal nasceram duas instituições destinadas a incrementar o conhecimento geográfico das colónias: a Comissão Central Permanente de Geografia, em 1876; e a Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1875. A primeira funcionava na dependência do governo, enquanto a segunda é uma instituição de iniciativa privada. Luciano Cordeiro esteve intimamente ligado a ambas, tendo sido secretário da primeira e o principal dinamizador da criação da segunda, sendo o seu primeiro Secretário Perpétuo. Em 1880, a Comissão Central Permanente de Geografia foi integrada na Sociedade de Geografia, mas em 1883, o governo criou a Comissão de Cartografia. Foi no contexto destes diferentes organismos que se incrementou o conhecimento geográfico das colónias, e Luciano Cordeiro teve um papel fundamental em todas elas.

«Intervenção» é provavelmente a palavra que melhor classifica a personalidade e a forma de estar de Luciano Cordeiro. Foi membro de trinta e oito coletividades científicas, literárias ou artísticas, de todo o mundo. Colaborou com dezoito associações de beneficência. Em termos profissionais, a sua vida caracterizou-se por uma participação permanente na vida política nacional, tanto nas funções que desempenhou no parlamento, como nos vários cargos que exerceu como funcionário público, sendo vários com funções de chefia. Usou igualmente a escrita, nos jornais ou em livros, como instrumento de afirmação dos ideais pelos quais lutou. Alguns dos seus textos começaram por sair nos periódicos onde escrevia, sendo posteriormente reunidos e publicados em livro.

Quais são os ideais que Luciano Cordeiro defendeu? Em primeiro lugar, e acima de tudo, o patriotismo, numa época em que vários intelectuais, como Oliveira Martins ou Ramalho Ortigão, advogavam a falta de um verdadeiro sentimento nacional, entre os Portugueses. Vários dos textos que redigiu sobre história serviram essencialmente o propósito de mostrar quão antiga era esta singularidade de Portugal, que se afirmava, pelos casamentos, ou pelas alianças, com importantes casas da nobreza europeia. Luciano Cordeiro dá um especial destaque a estes relacionamentos com os povos do norte da Europa,

considerando os mesmos como fundamentais para a construção da identidade nacional. A historiografia de Luciano Cordeiro é essencialmente positivista, dando particular realce ao documento, incluindo neste as inscrições epigráficas. Por outro lado, sempre se afirmou, veementemente, contra aqueles que defendiam as teses do Iberismo. Ora, sendo Portugal, desde a sua independência, uma nação completamente distinta dos restantes reinos ibéricos, não fazia sentido, para Luciano Cordeiro, integrar o país num reino que abrangesse toda a península.

Outra forma de afirmação da singularidade de Portugal, no contexto das nações europeias, consistia na evocação dos seus maiores, ou de momentos marcantes da sua história. É neste contexto que devem ser vistas as comemorações acima referidas, e nas quais Luciano teve papel de relevo. Merece especial destaque a comemoração do centenário da Índia, em 1898. Este evento, que se procurou que tivesse algum destaque internacional, tinha como um dos seus principais objetivos afirmar a antiguidade da presença portuguesa nos espaços ultramarinos, o que fazia deles territórios portugueses. Muito antes de 1898, já Luciano Cordeiro escrevia sobre este assunto, procurando sempre justificar os direitos de Portugal sobre os territórios ultramarinos, mas as comemorações do centenário da Índia serviram como pretexto para incentivar uma vasta produção literária relacionada com os descobrimentos, período que marca o início dessa presença portuguesa além-mar. Luciano Cordeiro faleceu em Lisboa a 24 de dezembro de 1900.

Bibliografia ativa: *O centenário de Camões*, Lisboa, Tipografia de J. H. Verde, 1880; *Diogo de Azambuja*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; *Diogo Cão*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; *Marinha e colónias: estudos sobre a sua administração e reforma*, Lisboa, Livraria Ferin, 1888; *A segunda duquesa*, Lisboa, Livraria Ferin, imp. 1892; *Uma sobrinha do Infante, Imperatriz da Alemanha e Rainha da Hungria*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894; *O tesouro do rei Fernando: história anedótica de um tratado inédito*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1895; *A urna funerária de Afonso de Albuquerque: relatório à Sociedade de Geografia de Lisboa acerca de alguns objectos vindos da Índia para o seu museu*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1896; *Vasco da Gama: de como e quando foi feito conde: descobertas e descobridores*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; *Viagens, explorações e conquistas dos portugueses: coleção de documentos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881.

Bibliografia passiva: Carvalho, Joaquim de, "Homenagem a Luciano Cordeiro", in Carvalho, Joaquim, *Obra Completa. História e crítica literária. História de Ciência. 1925-1975*. Vol. iii, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 141-154. Catroga, Fernando, "Positivistas e republicanos", in Catroga, Fernando, Mendes, José Maria Amado e Torgal, Luís Reis, *História da História em Portugal. Sécs. xix-xx*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 87-115. Catroga, Fernando, "Ritualizações da História", in Catroga, Fernando, Mendes, José Maria Amado E TORGAL, Luís Reis, *História da História em Portugal. Sécs. xix-xx*,



Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 547-671. Machado, J. T. Montalvão, *Luciano Cordeiro*, separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1981. MATOS, Sérgio Campos, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do Século XIX (1846-1898)*, Lisboa, Edições Colibri, 1998. MendeS, H. Gabriel, *As origens da Comissão de Cartografia e a acção determinante de José Júlio Rodrigues, Luciano Cordeiro e Francisco António de Brito Limpo: a história política das explorações africanas de Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens e Serpa Pinto*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1982. Santos, Marta Carvalho, "Sousa, Luciano Baptista Cordeiro de (1844-1900)", in Mónica, Maria Filomena [Coord.], *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834-1910)*, Vol. III. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2004, pp. 844-849. Sousa, J. M. Cordeiro de, *Luciano Cordeiro*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1936.

António Costa Canas